

**Em busca das fontes:
Os Lusíadas comentados pelo Padre D. Marcos de S. Lourenço**

Isabel Almeida
Universidade de Lisboa /
Centro de Estudos Interuniversitários, Universidade de Coimbra

Num artigo intitulado “El Brocense contra Fernando de Herrera y sus *Anotaciones* a Garcilaso”, Eugenio Asensio chamou a atenção para o contra-ataque lançado por Francisco Sánchez de las Brozas no discreto intróito de uma versão castelhana d’*Os Lusíadas* que, elaborada por Luís Gómez de Tapia, saiu em 1580. Tudo leva a crer (afirma Asensio) que o Brocense aproveitou esta oportunidade para, na subtileza das entrelinhas, dar réplica expedita a Fernando de Herrera –réplica devida a um silêncio que julgaria ofensivo e a investidas que não teria como ignorar. Recorde-se: em 1574 haviam sido impressos, junto com as “Obras del excelente Poeta Garci Lasso de la Vega”, os sóbrios comentários do “Licenciado Francisco Sanchez Cathedratico de Rhetorica en Salamanca”; entre 1579 e 1580, Herrera publicou em Sevilha as suas próprias *Anotaciones*, mais abundantes e apaixonadas, onde omitiu sempre o nome do mestre salmantino, como se pretendesse excluí-lo do horizonte e afastá-lo da companhia de Lasso. Na verdade, porém, ao mesmo tempo que lhe omitiu o nome, tornou-o seu alvo, com insinuações de comportamento pouco virtuoso, agravado por uma antecipação desleal.¹

Foi a estes golpes que Francisco Sánchez de las Brozas respondeu, de modo não menos ínvio. No duelo de argumentos, a estratégia consistia em tocar a fraqueza do adversário, e o Brocense optou por denegrir, como inútil, muita da informação carreada pelo rival. Fê-lo vincando contrastes: peremptório no elogio às “declaraciones brevissimas” que o “Maestro Luys de Tapia” redigira para “ilustrar” a poesia de Camões; desdenhoso de esforços pletóricos em que se adivinha uma caricatura de Herrera e das suas *Anotaciones*: “Bien se sabe que [el Maestro Luys de Tapia] tiene ingenio para poder aqui hazer un Comento mayor que el de Iuan de Mena. Mas porque ha venido a su noticia que ay un Dictionario poetico, que trata quien fue Phaeton, y su padre y madre, y quien fue Venus y Hercules y sus genealogias, no ha querido embutir aqui fabulas ni originales de vocablos ni definiciones de amor, de ira, de gula, de fortaleza, ni vanagloria [...]”²

Ao Brocense, pouco importaria prevenir redundâncias. Terá pensado, antes, que ganhava em trazer a lume um problema nevrálgico: a escolha das fontes, rica de implicações no estatuto do comentário e na sua destrição de um vizinho porventura

¹ Para uma leitura integral dos comentários do Brocense e de Herrera, v. Gallego Morell. Sobre as fontes de Herrera, v. Bienvenido Morros, “Las fuentes y su uso en las *Anotaciones a Garcilaso*”.

² Este passo faz parte de um dos paratextos que abrem *La Lusíada de el Famoso Poeta Luys de Camões*, em folhas sem numeração: “El Maestro Francisco Sanchez, Cathedratico de prima de Rhetorica en la Universidad de Salamanca, Al Lector.”

incómodo –o compêndio enciclopédico. Se o “Cathedratico de Rhetorica” menosprezava a colagem a repertórios como o *Dictionarium historicum ac poeticum* (1561) de Charles Etienne, era porque aí achava –perfilhando a reserva de homens doutos da época– uma mina fácil e um manancial de ilusória vantagem. Ilusória na medida em que a erudição assim adquirida, podendo não passar de um leve e fragmentário conhecimento, dava azo, desde logo, a projecções enganadoras do valor de uma obra e do seu autor.

O problema agudizava-se quando em causa estava o uso de *excerpta*. Organizar um cartapácio de lugares-comuns, amealhar um pecúlio de citações era indispensável, desde a Idade Média, no processo de instrução escolar:³ com a palavra de outros se aprendia a dizer; esse era o lastro da *inventio* e da *elocutio*. Mercê da divulgação impressa destes materiais, multiplicou-se o acesso a um vastíssimo património, mas um património de cuja totalidade e origem se perdia a noção, com óbvios riscos, pois, como havia de lamentar Baltasar de Céspedes,⁴ a oferta de recortes descontextualizados propiciava aplicações distorcidas. Daí que dicionários como o de Charles Etienne ou compilações como as de Domenicus Nanus Mirabellius tivessem um estatuto ambíguo e controverso, ora estimados como fecundo instrumento de trabalho (ideal para jovens alunos) ora diminuídos como base de encenações de um saber afinal precário, estreito e esparso.

Certo é que exerceram influência –e uma influência dupla. Em face do litígio entre Sánchez de las Brozas e Herrera, não interessa perguntar só o que significou, na produção do discurso das *Anotaciones*, o emprego do *Dictionarium* e afins; interessa perguntar o que significou, na leitura dos versos de Garcilaso, o recurso a esse *Lexicon* ou a colecções de lugares-comuns. Tenderia a leitura a reduzir-se à identificação de elementos padronizados? A que memória, a que modelos se ligava, por este meio, um texto? E que indiciava o estabelecimento desses vínculos?

Resposta para estas interrogações, haverá que buscá-la nas *Anotaciones* de Herrera ou em obras análogas, como *Os Lusíadas de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº Conego Regular da Congregação de Sancta Crus de Coimbra*.⁵ Preservado num testemunho único, trata-se de um comentário devedor da *Polyanthea Nova* de Joseph Lange (célebre herdeira da não menos célebre *Polyanthea* de Domenicus Nanus Mirabellius).⁶ Dele nos ocuparemos. Por um lado, o trabalho de D. Marcos permite sondar a recepção dos florilégios e a

³ Para a história e a caracterização deste processo, v. Moss.

⁴ No “Discurso de las letras humanas llamado el humanista por el Maestro Baltasar de Cespedes, Catedratico de Prima de Gramatica de la Universidad de Salamanca compuesto el año 1600”, lê-se: “Y assi es una cosa de mui dañoso engaño el andar tras libros de sentençias y flores recogidas por otros; para el mismo que haçe essas collecciones leyendo y estudiando los libros, buenas son; pero a otros pueden hazer daño como se ve claramente en la colleccion que anda ordinaria de las sentencias de Ciçeron de donde se sacan muchas que son impias y indignas de aquel gran hombre” (Andres 251).

⁵ Uma equipa do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (Filipa Araújo, Manuel Ferro, Teresa Nascimento, Marcelo Vieira, Isabel Almeida) prepara a edição deste texto.

⁶ Sobre estes florilégios, em particular, v. Moss 166-69, 342-45.

repercussão que alcançaram em métodos de estudo e formas de arquitectura intelectual; por outro, obriga a reflectir sobre a qualidade do olhar que neles deliberadamente se apoia. Com efeito, é pelos *auctores* que aduz, pelas associações que alvitra, pelos cotejos que engendra, que D. Marcos traça um quadro de integração de Camões. Melhor, é através dessa malha que mostra o universo em que desejou situar aquele que viu como “o príncipe dos poetas heróicos.”

Os Lusíadas de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº Conego Regular da Congregacao de Sancta Crus de Coimbra são um comentário incompleto, que se estende até ao final do canto III da epopeia e se dilui em postilas avulsas. Apesar de D. Marcos de S. Lourenço prometer desenvolvimentos maiores e sugerir que levou a obra a bom porto; apesar de o bibliógrafo Diogo Barbosa Machado (III 410) ter veiculado a notícia, fornecida por Jorge Cardoso, de que existiria comentário até ao canto V (mas “3” e “5” muito se prestam a confusões), o que hoje está recenseado e disponível, como advertiu Aníbal Pinto de Castro (IV), é a cópia inacabada, presumivelmente autógrafa, do ms. 46-VIII-40 guardado na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa.

A dado passo, numa letra irregular (ainda de D. Marcos, mais velho?), lê-se um aditamento onde ressalta que, após o 1º de Dezembro de 1640, o códice não estava esquecido: “D. Felipe 4º reina hoje. E perdeu o Reino de Portugal e outros de Espanha, e tarde os recuperará, ao menos o de Portugal, que hoje tem o famoso Rei D. João 4º de novo, que Deus conserve por largos e felizes anos.”⁷ (236v). Datas mais recuadas pontuam o termo dos cantos: “3 de Abril, 631” (116v); “fim do 2º canto, 4 de Fevereiro 1632, na Torre de Paderne, 11 horas da noite” (192v); “fim do terceiro canto, aos 10 de Março de 1633, às 10 da noite na Torre de Paderne” (346).

Nenhum destes registos é despiciendo. No seu conjunto, indicam constância, tenacidade, empenho. Como se escreveria até às “11 horas da noite” ou até às “10 da noite”, no duro inverno de Trás-os-Montes? No convento crúzio de Torre de Paderne (junto a Moncorvo), quem mais se disporia a velar sobre *Os Lusíadas*?

Até agora, pouco se apurou acerca de D. Marcos, que teve Coimbra por “pátria”, viveu algum tempo em Lisboa (segundo o Visconde de Juromenha, “recebeu o acto canónico no Real Mosteiro de S. Vicente, a 11 de Fevereiro de 1606” –Juromenha 327), veio a residir no Norte e faleceu em Landim, perto de Braga, em 1645. O seu trabalho, tê-lo-á concebido solitário, alheio ao círculo camonista animado no Sul por Manuel Severim de Faria, cuja pessoa poderia (mera hipótese) ter entrevisto, em 1609, por ocasião de uma visita do chantre de Évora a Santa Cruz (Serrão 98-101), mas cujos *Discursos Vários Políticos*, publicados em 1624, nunca refere. E também por isso –por resultarem de uma iniciativa singular, à margem de grupos atentos à

⁷ Na transcrição dos textos de D. Marcos, procede-se a uma actualização das grafias, mantendo apenas aquelas que representam uma realidade fonética própria. São introduzidos ajustamentos na pontuação.

epopeia– merecem destaque *Os Lusíadas de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lç^o*.

Há razões para admitir que D. Marcos não deixou correr manuscrito o seu labor. Os bibliógrafos João Franco Barreto e Francisco da Cruz não o mencionam, o que surpreende: na rede de contactos de Franco Barreto pontificava Manuel Severim de Faria, correspondente de Jorge Cardoso, que por volta de 1637 procurou obter, com êxito, carta de D. Marcos, a quem teria saudado (infere-se deste texto) como comentador de Camões e como perito em “velhices e antiguidades” (BA 51-VI-34, 185); entre os papéis do P.^e Francisco da Cruz figura um rol de autores portugueses preparado pelo mesmo Cardoso (“Aliqua ex ms. Georgi Cardoso circa Scriptores Lusitanos” – BA 51-V-47, 143), mas nem aí se vislumbra rasto do cónego conimbricense. Manuel de Faria e Sousa, que desde as primeiras décadas do século XVII se entregava ao estudo de Camões, e Manuel Pires de Almeida, que enveredou por caminho semelhante, parecem desconhecer-lo. Por seu turno, D. Marcos parece desconhecer os seus pares. O que recorda e o que insiste em criticar são *Os Lusíadas [...] commentados pelo Licenciado Manuel Correa*, postumamente impressos, em 1613, mercê da intervenção de Pedro de Mariz.⁸

Independente de academias e tertúlias; arredado do comércio epistolar com os camonistas mais activos, o exemplo de D. Marcos mostra que seria possível cultivar, por outras vias, idênticos fascínios. Não medrava, esta curiosidade, sem um contexto favorável, e em Portugal o tempo era de consagração da epopeia e do seu criador (fenómeno a que não seria esquivo o ambiente crúzio, com funda tradição nacionalista). *Os Lusíadas de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lç^o Conego Regular da Congregacao de Sancta Crus de Coimbra* provam, assim, quão decisiva foi a circulação de livros e quão intensa seria a prática de leitura aberta a convívios laicos. Na carta a Jorge Cardoso, D. Marcos conta: “acaso um dia tomei um livro das *Lusíadas* na mão, que tinha algúas notações ou declarações à margem, e ali donde o poeta fala de Sesimbra chama-lhe piscosa, por caso do muito pescado que naquele mar se toma, a notação declarava este passo, dizendo piscosa se chama por rezão dos muitos piscos que nele se ajuntam, e quando eu vi tamanho disprepósito senti muito achá-lo escrito em língua portuguesa, e daquele instante tomei a minha conta comentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu pudesse, fui-a começando os primeiros três Cantos, e querendo começar o quarto, saiu o Licenciado Manoel Correa”. (BA 51-VI-34, 185v-86).

Resta concluir que o primitivo rascunho do comentário seria posterior a 1584 (data da edição “dos piscos”) e anterior a 1613. Perante Jorge Cardoso, D. Marcos esmera-

⁸ Trata-se de OS / LUSIADAS / DO GRANDE / LUIS DE CAMOENS. / PRINCIPE DA POESIA HEROICA. / Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal / do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da / Mouraria, natural da cidade de Elvas. / Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d’Acunha, Inquisidor Apostolico/do Sancto Officio de Lisboa./ Per Domingos Fernandez seu Livreyro. / [armas de Portugal] / Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. / EM LISBOA. / Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613.

se a justificar a sua obra como uma necessária defesa do poema camoniano, “enxovalh[ado]” pelas glosas do Padre Manuel Correia (“ao lume d’água, sem nunca penetrar os ocultos mistérios que ali se escondiam”; com “erros manifestos, tanto mais insofríveis quanto de Autor não esperado”). Em pinceladas rápidas, garante que tratou da ilha dos amores “em alegorias por fugir e encobrir a lacívia da letra”; assevera que na geografia absorveu a lição de Barros, gizando “cartas a modo de mapas, onde estava pintada a navegação de Vasco da Gama, notando com letras o lugar onde se sucedeu algũa historia que o poeta conta”; e enaltece: “O principal trabalho que nesta obra tive foi buscar a fonte donde derivou Camões suas sutilezas, e por isso aprendi línguas, cujo conhecimento me valeu muito, mormente o da Italiana, na qual o nosso poeta era muito versado [...], pera as comperações e práticas me foi necessário estudar quasi de cor todo Virgílio e Homero e Petrarca, porque a estes principalmente seguiu Camões [...], trato também das fábulas, em geral curiosamente e da poesia Portuguesa, e origem dela” (BA 51-VI-34, 186-86v).

Desta carta, resta ainda concluir que o ms. 46-VIII-40 oferece uma versão avançada d’*Os Lusíadas de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº*. Já não a versão a que D. Marcos teria chegado em 1613; decerto que não alguma revisão efectuada por essa altura (pois muitas das obras trazidas à colação saíram posteriormente); uma nova versão e uma nova cópia, preparadas a pensar numa edição, como ressalta no prólogo do ms. 46-VIII-40.

Neste prólogo, algo muda. Sem exhibir o orgulho com que, na carta a Jorge Cardoso, dizia haver exposto “curiosamente” as fábulas evocadas no poema, D. Marcos, apostado em conquistar a benevolência do “leitor”, professa sobriedade, como se obedecesse ao Brocense:

Saio pois à praça do mundo com este meu trabalho, que não há-de ser mal recebido de quem considerar que o intento particular que nele tenho é acertar com a verdade e dizer o que entendo sem outro particular respeito; nem me deterei muito em ajuntar autoridades sobejas, senão poucas e boas, e tais que bastem pera provar meu intento, por não dar aos leitores a moléstia que padeço lendo livros cheos de tantas alegações pera provar pouco mais de nada, que mais parecem postilas de Cânones que livros de histórias. E nem sempre converterei em latim as autoridades, porque em tudo amo sempre a brevidade. (3r-3v)

Este é apenas um voto –um rumo teoricamente eleito como apetecível ou honroso. A contradição cedo se detecta, e seria inevitável: agindo em competição com Manuel Correia, ansioso por superar esses primeiros comentários a *Os Lusíadas*, D. Marcos ostenta erudição: cita em latim, dissemina expressões em grego e hebraico, prodigaliza notas eruditas. É nesse afã que a *Polyanthea Nova* tem seu papel. Muito embora só esporadicamente D. Marcos assumia a dívida para com este florilégio, a ele recorre amiúde, para construir o que julgaria ser um comentário digno do poema de Camões.

Quem perscruta *Os Lusíadas* de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lç^o, capta a frequente assimilação de materiais reunidos na *Polyanthea Nova*. Núcleos semânticos como os que o Brocense enumerara –mitologia, conceitos morais– são amplificados graças à informação proporcionada pelo monumental volume de Joseph Lange, onde autores e autoridades se alinhavam numa ordem meridiana. D. Marcos, que tinha assim ao seu dispor Antigos e Modernos, apotegmas profanos e sentenças bíblicas, a palavra dos Padres da Igreja e a voz de poetas, dá largas ao que Ann Moss designou por “retórica da abundância”. Contudo, a lide com o que prometia ser *Scientia Immutabilis* (tal era o mote estampado no rosto da *Polyanthea Nova*) nada tem de linear.

Percebe-se que a *Polyanthea Nova* é aproveitada com desembaraço, em pesquisas aptas a jogar com conexões semânticas e a ensaiar cruzamentos. D. Marcos move-se nesta mole, capaz de conjugar verbetes distintos. O seu caso não é o de quem depende do repertório fabricado por mão alheia; é o de quem se serve do florilégio para expandir a memória que já possui, como sucede a propósito de um pormenor da invocação d’*Os Lusíadas*. De facto, ao lado de um trecho ciceroniano que não andava na *Polyanthea Nova*, o comentador coloca outros, que daí provêm (Lange 921, 919):

Vea de poeta, falando filosoficamente, é ùa aptidão que o homem tem pera fazer versos com facilidade, na qual Ovídio excedeu a todos. Ou pode-se dizer também que vea de poeta é ùa propensão que inclina o homem a compor versos. Mas o furor poético é ùa agitação e movimento da alma que clarifica o entendimento pera conceber cousas mui altas. Cícero *de Divinatione* diz que esta concitação do ânimo é indício de estar na alma ùa força divina. *Atque etiam illa concitatio declarat vim in animis esse divinam. Negat enim Democritus quemquam poetam magnum esse sine furore posse, quod idem dicit Plato quem si placet. Appellet furorem dum modo is furor ita laudetur ut in Phaedro Platonis laudatus est.* E o poeta dezia: *Est furor in nobis agitante calescimus illo.* E Fausto Andreino

*Cui tantum Natura favet cui spiritus ingens
Cui furor aetherea missus ab arce venit.*

Este é o furor que o nosso poeta pede às Musas. (33r-33v)

Brilha, neste exemplo, o gosto pela acumulação que é timbre do comentário: somam-se citações, numa sequência paratáctica. Não se analisa a relação entre os vários *excerpta*; faz-se sobressair, com intencionalidade enfática, o relevo que vezes supostamente autorizadas deram ao mesmo assunto. Simples? Só na aparência. É curioso que D. Marcos se tenha demorado a tratar da “vea de poeta”, e sobretudo que

o tenha feito nesta escrupulosa aproximação a teorias das quais por um prisma ortodoxo em Portugal alguns desconfiariam.⁹ No compêndio de Joseph Lange, permeável ao ascendente de Platão e do neoplatonismo na especulação poética, os verbetes “furor” e “poeta” repercutem uma densa indagação sobre o mistério da criação; nos gestos de D. Marcos, que tanto repete como acomoda (substituindo, no verso de Ovídio, “Deus” por “furor”),¹⁰ espelha-se o misto de curiosidade e vigilância com que adoptou e adaptou esse saber.

Que a *Polyanthea Nova* funcionaria como generosa reserva, até para preencher eventuais vazios, não se duvida. É o próprio D. Marcos a denunciá-lo, ao rematar a glosa sobre um verso da dedicatória (“Deseja de comprar-vos pera genro”): “Tomamos ocasião desta sentença de Virgílio e Camões pera dar aqui esta doutrina, pois o demais tem pouco em que nos detenhamos.” (41v) Com efeito, a partir de um fragmento das *Geórgicas* (I, 30-31), espraia-se um excuro: a “doutrina” que compensa a ausência de considerações sobre o texto da epopeia é um alerta sobre o vicioso peso do dote e sobre o desequilíbrio de qualquer aliança assente no valor do dinheiro. D. Marcos lembra Plauto, Horácio, Plutarco, e de novo Plauto, Horácio e Plutarco. Escreve de olhos postos na *Polyanthea Nova* (Lange 361), de onde tira quanto cita mas que não se limita a decalcar passivamente:

Plutarco entre outros preceitos que dá pera bem casar, é um que a mulher se não há-de escolher com os dedos, que é com o dinheiro, que com os dedos se conta, como o provérbio antigo dizia, *Oportet autem non oculis nec digitis uxorem capere ut aliqui facere solent reputantes quam grandem dotem ferat, non quibus moribus sit cum ipsis victura*. [Plutarc. in l. de *Praeceptis connubiali* ap. praec. 25] Por isso Almena dizia a Anfitrião seu marido, lançando-lhe em rosto o dote que com ela lhe deram, que o dote de que mais se prezava eram suas virtudes e boas partes. (41r-41v)

Se assim escreve, é porque recorda com nitidez *Amphitruo*, e porque está em condições de suprir o que a *Polyanthea Nova* não precisa: o nome da personagem feminina da comédia de Plauto, cuja fala de seguida copia.

⁹ Sylvie Deswarte pôs em evidência o escrúpulo de um censor inquisitorial como fr. Bertolameu Ferreira, que entendeu dever castigar as considerações neoplatónicas feitas pelo pintor Francisco de Holanda, em *Da ciência do desenho* (1571): “Para estar bem definida a pintura, se há-de declarar que a dita arte ou ciência é natural e adquirida por meio natural e indústria humana, e não é dom infuso e sobrenatural” (Deswarte 220).

¹⁰ Por lapso ou por prudente antecipação de um hipotético rigor censório, D. Marcos altera o texto ovidiano dos *Fasti* (VI, 5), escrevendo *furor* onde no original se lê *Deus*. Na *Polyanthea Nova*, que usou, e onde sob o título *Poeta* esta matéria é longamente considerada (desde logo, com referências a textos de Platão e de Marsilio Ficino), o passo é citado correctamente: *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo/ Impetus his sacra semina mentis habet* (Lange 921).

Entre *Os Lusíadas* e textos clássicos e humanistas, D. Marcos vai erguendo uma ponte, quer quando assinala a imitação que deles Camões engendra, quer quando, com alguma licença, faz derivar o comentário na direcção do mundo greco-latino. O recurso à *Polyanthea Nova* não visa requintar a interpretação do poema camoniano nem sequer descortinar as suas mais directas matrizes; visa, sim, dignificá-lo pela sua inserção numa linhagem nobilitante ou numa constelação simbólica carregada de prestígio. Por isso, mais impressionam as leves tensões que afectam esta articulação e agitam o que por norma é pacífico. Nesses momentos, D. Marcos oscila entre preservar ou alterar a *Scientia Immutabilis*, aceitá-la como perfeita ou insinuar-lhe a incompletude.

Há pouco vimos como retoca um verso ovidiano. Vejamos agora como convoca e destrona autoridades. Raro, quase residual, é o vestígio, n’*Os Lusíadas de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº*, da *Officina* de Ravisius Textor, mas não é menos revelador. A respeito de uma descrição da noite, no canto I da epopeia, D. Marcos faz desfilar citações oriundas de um capítulo que na *Officina* incide sobre o mesmo tema (“*Descriptio Noctis, seu adventus eius*”). Um após outro, chama Estácio, Ausónio, Ovídio, Lucano, Cleófilo, Pânfilo, Séneca, Ovídio, Virgílio. O resultado não é um *stemma* nem um esquema de filiações: D. Marcos encadeia estes excertos como quem evidencia uma fina malha, convicto de que *Os Lusíadas* dela são parte, mas parte singular:

Inda que Camões seja grande imitador de todos os poetas, pera mostrar que nem sempre há-de estar atado ao que eles disseram, faz descrições ou do tempo ou de tempestades suas, que não devem nada a Virgílio nem a Homero, como esta do tempo em que o Sol se punha, que é sua particular, sempre porém com os termos poéticos usados dos outros. (88v)

Se o quis fazer, o comentador não logrou explicar em que consiste esta particularidade. O seu conceito de *imitatio* engloba a dimensão “diferencial” que os maneiristas sofisticaram, pela exigência cerebrina das relações urdidas.¹¹ Todavia, ao encarecimento de uma paradoxal liberdade criativa, junta-se uma especialíssima admiração: directa ou indirectamente iluminado pelo *Tratado do Sublime*, do pseudo-Longino, então difundido a uma escala europeia (Fumaroli 377-98), D. Marcos manifesta atracção por uma experiência que une poesia e vida, artifício e verdade, elevação e lhaneza. Não por acaso, a estrofe 58 do canto I (“Da lua os claros raios rutilavam/pelas argêntas ondas neptuninas/as estrelas os Céus acompanhavam/qual campo revestido de boninas./Os furiosos ventos repousavam/polas covas escuras peregrinas”...) inspira-lhe, para lá da exuberante evocação dos clássicos reunidos na *Officina*, esta confiança pessoal e esta descoberta estética:

¹¹ A expressão “*imitation différentielle*”, para designar o trabalho complexo –autêntica *coincidentia oppositorum*– de aproximação e distanciamento relativamente a um modelo, foi proposta por Claude-Gilbert Dubois, em *Le Maniérisme*, 28-35.

Descrição de ãa noite serena e sossegada, nenhum poeta a fez com mais propriedade e galantaria que aqui o nosso poeta. Considero-o eu na sua Cidade de Lisboa posto sobre algum eirado à vista do Tejo, onde as trémulas águas ilustradas com o resplendor da lua dão aos olhos um agradável objeito que tanto enleva um entendimento na consideração do que vê que o faz descuidar-se de si, como eu confesso que me aconteceu muitas vezes naquela Cidade com olhos naquele soberbo Rio quando de espelho serviam suas águas à fermosa Diana, que me deixava levar tanto das saudades que n'alma me espertavam as cousas que via, que tudo o demais me não lembrava. Assi Camões possível é que à vista do que escrevia se enlevasse pera pintar estes tão próprios e elegantes versos, porque podia ver mar ilustrado dos raios da lua, o Céu estrelado donde quer se vê, o sossego dos ventos quem quer o alcança. Vigias de noite em naus é cousa mui ordinária onde quer que as há, e no Tejo mais que em nenhum porto de Europa no tempo que Camões escrevia. E assi noto nas descrições de Camões ãa propriedade tão conforme com o que é, como quem não pintava o que não via, mas contava o que lhe aconteceu e o que exprimentou. (89v-90)

N' *Os Lusíadas de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº*, a presença da *Polyanthea Nova* e da *Officina* constituem sinais de uma vontade de universalizar e exaltar, como intemporal, a epopeia. Sinais que a outros se prendem: em geral, no que concerne matéria poética, o trabalho de D. Marcos isola Camões, separa-o dos portugueses seus contemporâneos e até de si próprio. O conceito de autor que norteia estes comentários é um conceito dominado, em absoluto, pelo género épico. Lírica, teatro, epistolografia, na sua diversidade e quiçá nas suas infracções a um sentido de decoro, são campos abandonados por D. Marcos.

Centrados no *opus magnum*, os escólios têm a eloquência das opções que lhes subjazem. Por exemplo, talvez um crivo político filtre a companhia estrangeira que D. Marcos dá aos versos camonianos. Não é apenas dos cronistas espanhóis que suspeita; os poetas de Castela também não o atraem. Ao invés, compraz-se em patentear familiaridade com os italianos (até um modesto Agostino Santonini, ou até um melindroso Ariosto, contra cujo *Orlando Furioso* o *Index* de 1624 havia decretado parcial interdição). Seja como for, além da poética e da retórica, é evidente o desejo de abarcar uma pluralidade de disciplinas oficialmente cotadas ou culturalmente aplaudidas, como a história (sem calar o deslumbramento pela Cronologia, com seus infundáveis cálculos *ab initio mundi*), a geografia e a astronomia (sem ocultar o orgulho pelo reflexo das navegações lusas no progresso das ciências).

Todo este saber, transmitido em escolas e através de bibliografia, convive ainda, n' *Os Lusíadas de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº*, com outro filão. Se D. Marcos relaciona o poema de Camões com o que reputaria superior (os modelos clássicos, os melhores textos, os mais subidos conhecimentos), não o vincula apenas ao passado ou ao mundo livresco: pelo contrário, estende o comentário d' *Os Lusíadas* ao presente, e deles faz um inesgotável pretexto para falar da realidade próxima.

“Sei que vou fora do meu instituto”, diz, assumindo o desvio como inelutável. O poema torna-se, deste modo, ocasião para críticas e desabafos, e no comentário aumenta a intensidade dos afectos. Uma breve expressão –“falso piloto”– é suficiente para que D. Marcos inflame o discurso, disposto a gritar verdades:

Não lhe chama falso porque ele se fizesse Piloto sem o ser senão porque sendo Piloto verdadeiro, cujo officio é encaminhar bem as naus, ele com falsidade as levava aonde tinham sua perdição. Semelhantes a este são nestes miseráveis tempos muitos pilotos que tomam mercadorias a sua conta obrigando-se a trazê-las ao Reino, e antes de partir vendem-nas e trazem o dinheiro em letra, então andam pelo mar em busca do ladrão que os tome, ou buscam precipícios ao entrar da barra onde quebrem a nau pera assi o mar encobrir suas ladroíces, e já aconteceu um nem achar ladrão que o tomasse nem penedo aonde desse, e entrando pela barra, fugiu sem o mais verem, e ao descarregar a nau achou-se que as mercadorias que no Brasil tomara a sua conta não vinham nela. Vemos, e eu vi já na barra do porto perderem-se naus, e todo o mundo gritava que fora por culpa dos pilotos; prova-se isto que entra um homem hoje roubado em sua casa, e amanhã tem dinheiro pera fazer outra nau. Género de latrocínio é este insofrível, em que os que governam houveram de ter muito tento, porque desta casta de piratas não há quem possa escapar. E se nos Deus castiga, em nos tomar hoje a Baía, amanhã Pernambuco, é pelos grandes insultos que naquele contrato e navegação se cometem. Eu tive ãa carta de um homem bem entendido e prático naquelas partes, e me dizia em resolução, depois de muitas cousas, que tantos eram os desaforos e sem-justiças que naquelas terras se faziam que não podia Deus dexar de acudir com seu castigo, poucos meses se passaram que não viessem novas da tomada de Pernambuco. Isto trouxe aqui a prepósito deste falso piloto de Moçambique, pois não tenho outro lugar onde o possa dizer, e inda que vá fora do meu instituto, todavia é tão necessário que sempre será dito em seu lugar. (112v-13)

Mais ou menos fora do seu “instituto”, D. Marcos pode falar da transformação que “se vê na [sua] cidade de Coimbra”, onde “um estudante vindo da Beira, simples e sem malícia”, “em quatro dias com a comunicação dos outros se faz pior que eles”

(121v); pode falar de uma tourada em Lisboa e da dificuldade que um homem sem pergaminhos tem em afirmar-se na sociedade (72v); pode falar de um caso maravilhoso, que “vi[u] com [s]eus olhos”, no qual, acima do desconcerto terreno, brilharia a justiça de Deus (287). Ninguém nega que os florilégios, na sua exaustiva tematização moral e política, contemplavam misérias e grandezas humanas, pelo que sempre haverá compatibilidade entre a *Scientia Immutabilis* e o testemunho subjectivo. São correntes distintas, porém. Ao salientar a sua confluência, consentida ou dinamizada pelo poema camoniano, D. Marcos valoriza *Os Lusíadas* como obra de encontro. Mais: como obra que estimula a consciência do tempo, porque não se esgota no pretérito nem se conforma ao fechamento de um repertório. Que a *Polyanthea Nova* ou a *Officina* não bastem, para *declarar* os versos de Camões, diz muito: o impulso do comentador, que soma ao que aprendeu lendo aquilo a que empiricamente assistiu, traduz um mundo em mudança e uma poética em transformação.

Obras citadas

Manuscritos

Biblioteca Nacional de Lisboa

Barreto, João Franco. *Bibliotheca Lusitana* (manuscrito fotocopiado, disponível nos usuais da Sala de Reservados).

Biblioteca da Ajuda

Os Lusíadas de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lçº Conego Regular da Congregacao de Sancta Crus de Coimbra, 46-VIII-40.

“Relação do P. Dom Marcos. Importante p.a muitas antiguidades deste Reyno de Portugal”, 51-VI-34, fols. 185-212v.

[Papéis de Francisco da Cruz], 51-II-9.

[Papéis de Francisco da Cruz], 51-V-47.

[Padre Francisco da Cruz, *Catálogo de Autores Portugueses*], 51-V-51.

Impressos

Andres, O.S.A., Gregorio. *El Maestro Baltasar de Céspedes Humanista Salmantino y su Discurso de las Letras Humanas. Estudio Biográfico y Edición Crítica*. Madrid: Real Monasterio de El Escorial, 1965.

Asensio, Eugenio. “El Brocense contra Fernando de Herrera y sus *Anotaciones a Garcilaso*.” Em *De Fray Luís de León a Quevedo y otros estudios sobre retórica, poética y humanismo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005. 311-23.

Castro, Aníbal Pinto de. “Prefácio.” Em João Franco Barreto. *Micrologia Camoniana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1982. I-XXXV.

Correa, Manoel. *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens principe da poesia heroica. Commentados pelo Licenciado [...]*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1613.

Deswarte, Sylvie. *Ideias e imagens em Portugal na época dos Descobrimentos. Francisco de Holanda e a teoria da arte*. Lisboa: Difel, 1992.

Dubois, Claude-Gilbert. *Le maniérisme*. Paris: PUF, 1979.

Fumaroli, Marc. *Héros et Orateurs. Rhétorique et dramaturgie cornéliennes*. Genève: Droz, 1996.

Gallego Morell, Antonio, ed. *Garcilaso de la Vega y sus Comentaristas. Obras Completas del Poeta, acompañadas de los textos íntegros de los Comentarios*

- de El Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara.* Madrid: Gredos, 1972.
- Juromenha. *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida pelo Visconde de [...].* Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.
- La Lusitada de el Famoso Poeta Luys de Camões. Traduzida en verso castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomez de Tapia [...].* Salamanca: Ioan Perier, 1580.
- Lange, Joseph. *Polyanthea Nova, Hoc Est, Opus Suavissimis Floribus Celebriorum Sententiarum Tam Graecarum Quam Latinarum reertum [...].* Francofurti: Sumptibus Lazari Zetzneri Bibliopolae, 1607.
- Machado, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana.* Reprodução fac-similada. Coimbra: Atlântida Editora, 1966 [1752]. T. III.
- Morros, Bienvenido. “Las fuentes y su uso en las *Anotaciones a Garcilaso.*” Em Begoña López Bueno, dir. *Las Anotaciones de Fernando de Herrera. Doce estudios.* Sevilla: Universidad de Sevilla, 1997. 37-89.
- Moss, Ann. *Les recueils de lieux communs. Méthode pour apprendre à penser à la Renaissance.* Genève: Librairie Droz, 2002.
- Officinae Ioannis Ravisii Textoris Epitome.* Lugduni: Apud Haered. Seb. Gryphii, 1560. Tomus I.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria. 1604-1609-1625.* Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1974.